



ENTRE FIOS DE TUCUM E TRANÇADOS DE ARUMÃ: crônica da memória e do cotidiano das mulheres artesãs Tikuna de Benjamin Constant-AM¹

Benedito do Espírito Santo Pena Maciel²

Instituto de Natureza e Cultura- INC/Universidade Federal do Amazonas- UFAM/Câmpus Benjamin Constant.

Seus dedos pequenos e já enrugados pelo tempo, com unhas grossas e corroídas pela fricção com as talas, cipós, fibras e palhas do seu labor, tecem habilmente um delicado cesto de tucum. Seu corpo está sentado elegantemente no assoalho de madeira grossa, cujas brechas entre as tábuas faz entrar o ar refrescante e evita o acúmulo de sujeiras dentro de casa: uma forma criativa de se viver no calor dos trópicos. Sua aparência tranquila esconde o inevitável desassossego com os carapanãs e com as abomináveis mutucas pretas³ que lhe picam o corpo. Para combater essas pragas, ela bate seu corpo constantemente com um pedaço de pano ou com as mãos. Suas pernas meio curtas e parcialmente cobertas por uma saia de tecido azulado estão admiravelmente retas no chão, enquanto sua coluna, parcialmente curvada para a frente, dá a seus braços flexibilidade e movimento para realizar seu trabalho. Seus pés pequenos: de pele rugosa pela ação abundante dos raios solares e de cor meio esbranquiçada pelos efeitos das águas barrentas do rio Solimões; de planta de cor amarelada e; de dedos miúdos e ligeiramente abertos, indicam, de um lado, uma infância descalça e de trabalho pesado, mas, de outro lado, demonstram também uma vida livre para as brincadeiras no terreiro, nas praias, nas canoas, nos rios... Uma liberdade que agora seus filhos quase não têm mais, pois, os perigos da cidade estão cada vez mais perto das aldeias.

Recebido em:

05.01.2017

Avaliado em:

02.04.2017

Aceito em:

06.04.2018

MEMÓRIAS

Antropologia

Contato com autor(a)

Email: benditom@gmail.com

¹ Com poucas modificações, uma versão deste texto, acrescida de uma outra parte referente à história das mulheres Tikuna nas fontes etnológicas e etno-históricas, foi apresentada como trabalho final da disciplina “Gênero, Ciência e Desenvolvimento”, ministrada pela professora Dra. Iraildes Caldas Torres, no curso de doutorado do Programa da Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, 2012. Os desenhos são do indígena Kokama, Valdenilson Aicate Tananta, aluno do Curso de Antropologia.

² Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo PPGSCA-UFAM. Professor do colegiado de Antropologia do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: benditom@gmail.com.

³ A palavra Mutuca vem Tupi *mu'tuka*, nome comum às moscas da família dos *tabanídeos*, descrita em vasta literatura dos viajantes e missionários do período colonial. (Cf.: CUNHA, Antônio Geral da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: UnB, 1999, p. 217. Na região do Alto Solimões existe uma espécie conhecida por “mutuca preta” que age durante o dia e, cuja picada, provoca coceira e irritação na pele.

Notícias de estupros, roubos, tráfico de crianças e de uso indiscriminado de drogas, não deixam que ela tire os olhos do terreiro onde brincam seus *curumins*, tirando-lhe aquela memória nostálgica da tranquila vida nas aldeias que seus antepassados desfrutaram.

Uma camiseta branca já bastante usada lhe cobre o resto do corpo magro, mas firme. Seus cabelos retos e longos, de um lado da cabeça estão presos por um pequeno grampo com enfeites coloridos, de outro, lhe cai sobre o lado oposto do rosto e dos ombros constituindo-se quase num segundo vestuário, porém deixam à mostra parte de seu rosto moreno, biologicamente ainda jovem, mas já bem marcado por rugas que indicam uma vida de trabalho duro sob o clima tropical. Sua veste, aliás, exprime bem a rígida influência religiosa cristã de padrões estéticos pacatos, distante da influência da moda feminina contemporânea dos grandes centros urbanos. Seu rosto moreno não contém nenhum sinal de maquiagem com produtos dos brancos e nem mesmo dos índios. Somente quando ela vai a algum evento público para representar seu povo diante não índios, ou em certas ocasiões especiais, é que ela pinta seu rosto com traços geométricos de tinta de jenipapo e urucum.⁴

⁴ Fruto do urucumcuzeiro, uma árvore nativa da América tropical pertencente à família das Bixáceas. De suas sementes muitos grupos indígenas, inclusive os Tikuna, retiram uma tintura para vários usos artísticos a até culinários.

Seus olhos negros refletem um olhar de serenidade e firmeza, e debaixo de raras, finas e naturais sobrancelhas, entre olheiras meio fundas e de cor escura, não se distraem um só instante de seu afazer. Talvez querendo nos dizer que no trabalho de artesã, a mente, o corpo e o objeto tornam-se um só ser que se cria a cada instante e se transforma em arte, composta de sua história, de sua cultura e de seu trabalho.

Concentrada e silenciosa, mas nunca sozinha, está ela em sua casa, que embora não tão visivelmente dividida em cômodos separados, contém muitos espaços específicos, cada um repleto de objetos que lhe remetem ao seu universo cultural, à memória de seu povo e ao seu cotidiano. Num canto da sala há uma maqueira de fibra de tucum e uma malhadeira ou çaoeira (rede de pesca); noutra canto, há um carote de gasolina, um remo e um motor rabeta,⁵ objetos de uso masculino e indícios que seu marido e seus filhos estão para roça e não para o rio. É de lá que ela espera a macaxeira, a farinha ou, quem sabe, uma caça para o jantar. Nas poucas paredes da casa, estão expostos retratos de santos, de gente da sua família e de políticos: sinais de sua religiosidade, de sua descendência familiar e clânica e de suas relações sociais e

⁵ Motor rabeta é um tipo de motor de pequeno porte, no qual é fixado um rabeta, ou seja, um eixo comprido com uma hélice e um pequeno leme numa das extremidades. Este conjunto (motor rabeta) pode ser montado na poupa de pequenas canoas e é muito utilizado na região por facilitar as viagens em pequenas distâncias, substituindo há décadas a necessidade do uso de remos que demandava muito esforço físico e tornava as viagens muito mais lentas e demoradas.

políticas para além de sua aldeia. Há também sobre uma mesa um televisor coberto com um pano e um aparelho de som já meio gasto. No quarto, separado da sala apenas por uma meia parede de paxiúba⁶ batida, há uma rede de dormir envolvida por um grande mosquitoieiro que lhe protege dos carapanãs (mosquitos) e lhe dá um pouco de privacidade conjugal à noite. É no espaço do mosquitoieiro de casal que ela tem suas intimidades com seu companheiro; fora dele, não se observa aproximações físicas entre o casal, pelo contrário, há até mesmo um certo distanciamento especialmente durante o dia, ou pelo menos, na presença de estranhos. Na cozinha existe um fogão à lenha, um jirau onde se prepara a comida e se tratam os peixes e um impressionante “painel de panelas” e outros utensílios de alumínio pendurados numa parede de tábuas disformes, tão bem areados, que chegam a espelhar o ambiente.

O zelo com os objetos da casa é sinal da dedicação da mulher ao seu marido e à sua família. A aquisição de certos objetos dos brancos como panelas, por exemplo, é um indicativo de prosperidade da família e são cobiçados pelas mulheres Tikuna. Certos objetos de uso doméstico são adquiridos a preços aviltantes e geralmente a crédito (ou fiado, como se diz na região) no comércio local.

Enfiados entre as palhas da cobertura da casa vê-se caniços, arpões, flechas, zarabatanas, remo, mas também facões e espingardas, instrumentos de caça e pesca de domínio masculino. Aqui e ali, é possível ver pequenas esculturas de madeira, colares, pulseiras, anéis, cestos e uns panos pintados feitos de casca de árvores, representações mitológicas da Onça, do Avaí, da Saúva, do Jenipapo, do Buriti, do Mutum, do Japó, da Arara, ou seja, de oito dos cerca de vinte clãs ou nações⁷ em que se subdivide as relações de parentesco dos Tikuna.

Ao percorrer a casa com os olhos em meio a esses objetos ela mantém viva a lembrança da cultura de seu povo. Embora o contato com os brancos já tenha questionado certos aspectos da tradição – principalmente entre os mais jovens – no que se refere à religião, ao parentesco, ao casamento e à escolha dos nomes para as crianças, ela sabe que seus filhos herdaram a descendência clânica do pai; que os meninos e meninas devem se casar com gente da mesma nação, que eles têm em seus nomes nativos o sufixo *cü* e elas o sufixo *na*, uma referência aos clãs a que cada um dos sexos pertence. Por isso, vê com preocupação a liberdade de escolha conjugal reivindicada por sua única filha. Se ela preferir um Tikuna terá que procurar um bom rapaz do mesmo clã na sua aldeia ou em outra, mas se preferir um branco seus netos não serão

⁶ Da família das *Arecáceas*, as Paxiubas contêm muitas espécies em toda a América, e por sua abundância e utilidade entre os nativos foram descritas e desenhadas por vários estudiosos como: D. d'Orbigny (1802-1857). *Voyage dans l'Amérique Méridionale*. 1847; Henri Valter Bates (1825-1892). *Um Naturalista no Rio Amazonas* (1848-1859), entre outros.

⁷ *Nação* é a palavra da língua portuguesa usada pelos Tikuna para traduzir *ki'a* que na tradição antropológica é clã. Para os Tikuna os clãs são divididos em duas metades, uma de pena (aves) e outra que não tem pena.

considerados Tikuna verdadeiros e, portanto, terão muita dificuldade em encontrar um lugar no meio de seus parentes.

Mesmo professando fé cristã ela sabe e ensinou à sua filha que o incesto clânico, ou de metade, está entre os três crimes que envergonham os Tikuna e que são passíveis de punição sobrenatural. Os outros dois são: o infanticídio e a morte por feitiçaria. Pela tradição, quando uma criança é gerada de uma relação incestuosa, a mãe pode matá-la e enterrá-la viva, mas esse ato será punido por *Taé*⁸ e condenará uma parte da alma da mãe, que após sua morte subirá ao mundo superior com o cadáver da criança atravessado em sua boca, como uma condenada, de fato. Por isso, ela jamais quer que isso ocorra com sua filha e com sua família.

Dentro dessa tradição ela lembra de que mesmo antes dos Magüta (ou Tikuna) terem sido pescados por *Yoi* e virado gente, terem sido organizados em nações com regras e costumes próprios, no tempo dos heróis imortais, as relações entre homens e mulheres eram tensas. A mulher heroína *Mapana* foi criada juntamente com o marido *Ngutapa*, ambos viviam num lugar sagrado onde é hoje o Igarapé São Jerônimo. Certo dia quando foram caçar, discutiram e brigaram. *Ngutapa* deu uma surra na mulher e a

⁸ Segundo o antropólogo João Pacheco de Oliveira, no livro: 'O nosso Governo': os Tikuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília, 1988, *Taé* ou *Tootana* é uma *iüüne*, ou seja, uma das criaturas imortais dos Tikuna. Ela é mãe de *Ngutapa*, por isso, é considerada como a mãe de toda a criação. Juntamente com *Ngutapa*, *Mapana* e *Baiá*, constituem as criaturas mais antigas do mundo Tikuna (p. 1421 e 142).

amarrou em um pau com braços e pernas abertas. Lá, ela teve as genitálias picadas por cabas e formigas. Sentindo muita dor, foi socorrida por um pássaro chamado *cancã* que a estimulou a vingar-se de seu marido. Deu-lhe uma casa de cabas e disse para ela aguardar o marido escondida. Quando *Ngutapa* chegou, *Mapana* jogou a casa de cabas nele, acertando-lhes os dois joelhos. Ele caiu e não conseguiu mais se levantar, teve que ir se arrastando para casa. *Ngutapa* sofreu muita dor e chorou por vários dias. Seus joelhos incharam e desse inchaço originou a gestação de dois casais de filhos: do joelho direito saíram *Yoi* e sua irmã *Mowatcha*; do joelho esquerdo nasceram *Ipi* (o herói que pescou os não Tikuna) e sua irmã *Aicüna*. Os dois homens já nasceram de posse de suas zarabatanas e as mulheres de seus cestos, objetos, respectivamente, masculinos e femininos.⁹

Essa e outras histórias que ouviu quando era criança, colocam para ela uma série de questões sobre seu passado, sobre sua tradição e sobre sua própria identidade e condição de mulher Tikuna. Ela sabe que tem objetos que são próprios dos homens e outros que são próprios das mulheres. Sabe que nunca poderá ver a flauta

⁹ As informações sobre este mito Tikuna aqui apresentadas foram baseadas na versão recolhida João Pacheco de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 90-105. Por tratar-se de uma tradição oral, há outras versões entre os Tikuna que apresentam modificações no enredo e, às vezes, na posição dos personagens. Para uma comparação dos relatos etnográficos dos mitos com as narrativas mais contemporâneas dos Tikuna ver a excelente contribuição de Priscila Faulhaber no artigo "A Festa de To'oena: relatos, performance e etnografia ticuna". In: *Amazonas em Cadernos – Os Ticunas Hoje*. Francisco Jorge (org.), n.º. 5, jan./dez. 1999, UFAM/Museu Amazônico, p. 105-117.

sagrada tocada pelos homens e que muitos deles, no passado, como foi o caso de Domingos Tshunecü, da nação arara-azul, casou-se com mais de uma mulher. Mas sabe, também, que em muitos casos, vários elementos dessa tradição têm que ser tratados com habilidade diante dos brancos, pois, eles são muito diversos culturalmente e pensam de diferentes maneiras. Enquanto uns têm uma visão preconceituosa e veem a cultura indígena como algo atrasado e passageiro, outros são preservacionistas em relação às tradições indígenas e, outros ainda, ligados a orientações feministas questionam os fundamentos históricos, mitológicos e simbólicos do patriarcado e do machismo, que representou uma certa “dominação masculina” ao longo da história da humanidade. Ela percebe que de uma forma ou de outra, essas ideias e contradições já estão presentes no seu dia-a-dia e que influenciarão as novas gerações de seu povo. Contudo, ela continua tecendo seu cesto e acreditando que tudo se resolverá da melhor maneira possível no futuro.

Mesmo tendo em sua casa uma mesa e algumas cadeiras ao modo dos brancos, certos aspectos de sua cultura não mudaram: as visitas sentam-se no chão, em pequenos banquinhos de madeira ou ficam de cócoras; a mesa das refeições é servida no chão da cozinha para os “de casa” e na sala para os “de fora”. Os visitantes quando vão fazer alguma atividade na aldeia geralmente são pintados com tinta de

jenipapo simbolizando bom acolhimento, amizade, mas também é uma maneira de divulgar para fora da aldeia a presença dos Tikuna na região. Além dos artesanatos, a pintura do corpo dos visitantes é também uma forma de manifestar sua identidade para os não Tikuna.

De qualquer ponto da casa, avista-se o terreiro da aldeia com suas árvores frutíferas, galinhas, patos e outros animais de criação ou de estimação. Vê-se também muitas crianças correndo, brincando e falando alegremente sua língua materna. Ali, em sua casa, ela trabalha e está diante de seu clã, de sua família, de sua prole, de seus xerimbabos e de seus trecos; de sua cultura, de suas lembranças e de sua memória que inspiram sua criatividade; por isso, sua casa é também um lugar de memória.

Em seu lugar sagrado, a mulher Tikuna trança, estica, puxa e tece rápido e plasticamente a vida e seu viver. Contudo, além de ser artesã ela é também uma hábil coletora de cipós, palhas, sementes e fibras da floresta. Do tucum arrancado, batido, secado ao sol e desmanchado em delicados fios ela tece engenhosos nós e tranças em formas de pequenos cestos, abanos, bolsas, chapéus, colares, pulseiras e redes, cujas técnicas vêm desde seus ancestrais, repassadas de mães para filhas e para netas, pelo lento e quase infalível método de observar, fazer e refazer. Do arumã extraído da várzea e desfiado em finas talas, ela faz abajures, bandejas, baús, bolsas, pacarás simples e barrigudos, peneiras, pau-de-chuva para uso próprio e para atender aos

Valdemir A. T.
BC. AM 21/12/16

interesses dos brancos. Da palha do tucumã, extraída e seca ao sol, ela tece pequenas esteiras coloridas e chapéus de diferentes formatos e tamanhos. Dos cipós ambé e titica, ela confecciona paneiros, aturás e outras variedades de cestos que servem para diferentes finalidades.

Com as tintas e corantes extraídos do urucum, do jenipapo e do crajiru ela colore suas peças artesanais, embelezando sua arte e alegrando sua alma, distinguindo sua obra dos demais artistas locais. E assim, com agilidade e paciência, ela compõe com formas, cores e imagens uma arte que, de um lado, retrata a memória e a história de seu povo e, de outro, estabelece e demarca a presença de sua gente no meio da sociedade dos não Tikuna.

Uma vez pronta certa quantidade de peças, ela levanta bem cedinho, toma um café, come uns pés-de-moleque e banana cozida e vai à cidade oferecer e vender sua arte. Dos caminhos da aldeia de Porto Cordeirinho passa pelas esburacadas ruas da aldeia Filadélfia até a ponte que liga a “terra dos índios”, ou seja, a área Indígena Santo Antônio à cidade de Benjamin Constant.¹⁰ Depois deste ponto, já na cidade, ela passa pelo bairro de Bom Jardim, onde ainda pode ver muitos de seus parentes de povo e de clã, mas também os Kokama que fundaram este bairro da cidade às margens do igarapé Santo Antônio. Ela os cumprimenta da rua, eles lhe respondem da soleira de suas janelas, às vezes na

língua Tikuna, outras vezes, em português. Muitos não mais se identificam como indígenas, mas ela os conhece. Para ela, eles não podem negar sua identidade de Tikuna ou de Kokama, mas, para os brancos sim, porque sofreram toda sorte de preconceitos que os fazem silenciar sobre sua condição étnica.

Ela vê isto com certa tristeza, mas continua sua caminhada pela cidade. Ainda é cedo da manhã quando, a caminho do centro de Benjamin, por uma longa rua cheia de ladeiras, ela passa por duas madeiras que a lembram os “tempos dos patrões da madeira”, tempos de fartura e de fortuna para uns, e de exploração econômica e opressão para outros, especialmente, para os Tikuna; tempos de medo, de conflitos e das mortes ocorridas no Igarapé Capacete; mas também tempos de alianças com outros brancos e de luta e esperança que nunca têm fim. Já se passaram quase três décadas daquele triste acontecimento em Capacete, mas para ela é difícil esquecer aquele, 28 de março de 1988, quando a mando de um madeireiro, 14 Tikuna foram covardemente assassinados e outros 22 ficaram feridos. Entre os feridos, inclusive, estavam quatro mulheres.¹¹ Ela se recorda das viúvas, mulheres como ela, que tiveram de se desdobrar no trabalho para criar seus filhos órfãos de pai. Mais de 20 anos depois,

¹⁰ Atualmente está travessia é feita de canoa, pelos próprios indígenas, por um preço de R\$ 0,50. A ponte não existe mais, caiu por ter sido mal construída.

¹¹ Uma importante coletânea de fontes documentais e jornalísticas sobre esse massacre ocorrido no Igarapé Capacete, município de Benjamin Constant, foi publicada em 1988 pelo Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões – Magüta, com título: *Rü Äü I Ticumagü Ärü Wu'i: a lágrima Ticuna é uma só*.

apesar da repercussão internacional que teve o caso, a impunidade com que foi tratado, ainda ameaça as relações pacíficas que os Tikuna sempre buscaram estabelecer com os brancos. Sobre o Massacre do Capacete, como ficou conhecido aquele episódio, ainda se escuta rumores pelas esquinas, ainda é uma memória perigosa da qual não se pode falar muito.

O sol começa a esquentar e é preciso andar rápido para vencer a última ladeira e entrar na parte alta do bairro de Coimbra e, de lá, descer para o Centro e para a Feira da cidade. Ao iniciar a descida, ela passa por mais uma madeireira, a dos Magalhães. Os tempos, de fato, agora são outros, quase não há mais trabalhadores lá, os prédios estão se desmoronando, corroídos pelos cupins e tombando para a beira do rio Javari, puxados pela pressão das águas e pelo movimento dos barrancos, que nesta região é um fenômeno constante. As atividades madeireiras não gozam mais do mesmo prestígio e não ostentam mais tanto lucro e poder, poucos continuam se arriscando nessa vida, hoje, mais vigiada e controlada pelo Estado. As terras dos Tikuna já foram demarcadas, porém, paradoxalmente, as condições de vida parecem não ter melhorado para quase ninguém, nem para os índios, nem para os brancos. Na cidade só há lembranças do *fausto* da madeira na memória dos moradores, quando milhares de toras, pranchas e tábuas embarcavam para o exterior e malas de dólares subiam ao porto de Benjamin. Não se sabe bem para onde foram os

dólares da madeira, pois, na cidade quase nada ficou. Enfim, a insensatez do capital deixou, mais uma vez, tanto os índios como os brancos sem uma das principais fontes de riqueza.

Lá pelas oito horas, a mulher com seus cestos, balaios, cordões e pulseiras chega à Feira do Produtor de Benjamin Constant, e mistura-se com outros tantos vendedores ambulantes e feirantes, brasileiros e estrangeiros. Aliás, não tão estrangeiros assim. São, na verdade, peruanos, a maioria índios e índias, inclusive, Tikuna e Kokama, que com suas barbas longas e véus na cabeça,¹² teimosamente transitam sem fronteira nas fronteiras que os brancos criaram. Entre eles, lá vai a mulher Tikuna com seus lindos cestos coloridos que chamam a atenção de todos, cujos preços em geral são altos para a população local. São principalmente os turistas ou os “de fora” que moram e/ou trabalham na cidade que mais compram “o artesanato dos cabocos”, como se refere a população da cidade à arte dos índios.

Após expirar o horário de venda na Feira e no Centro, a mulher volta para a sua aldeia, mas, antes, ainda vai às casas de alguns moradores de fora da cidade para oferecer seu artesanato. Pára e bate de casa em casa de potenciais compradores. Sua presença nas ruas e nas casas é, às vezes, incômoda para muitas pessoas que a olham com desconfiança, desdém ou piedade:

¹² A barba longa e o véu na cabeça, são costumes, respectivamente, do homem e da mulher pertencente à confissão religiosa conhecida na região como Israelita, formada por um grupo de imigrantes peruanos que desceu de algumas regiões dos Andes peruanos para a fronteira do Brasil/Colômbia/Peru, onde habitam há várias décadas.

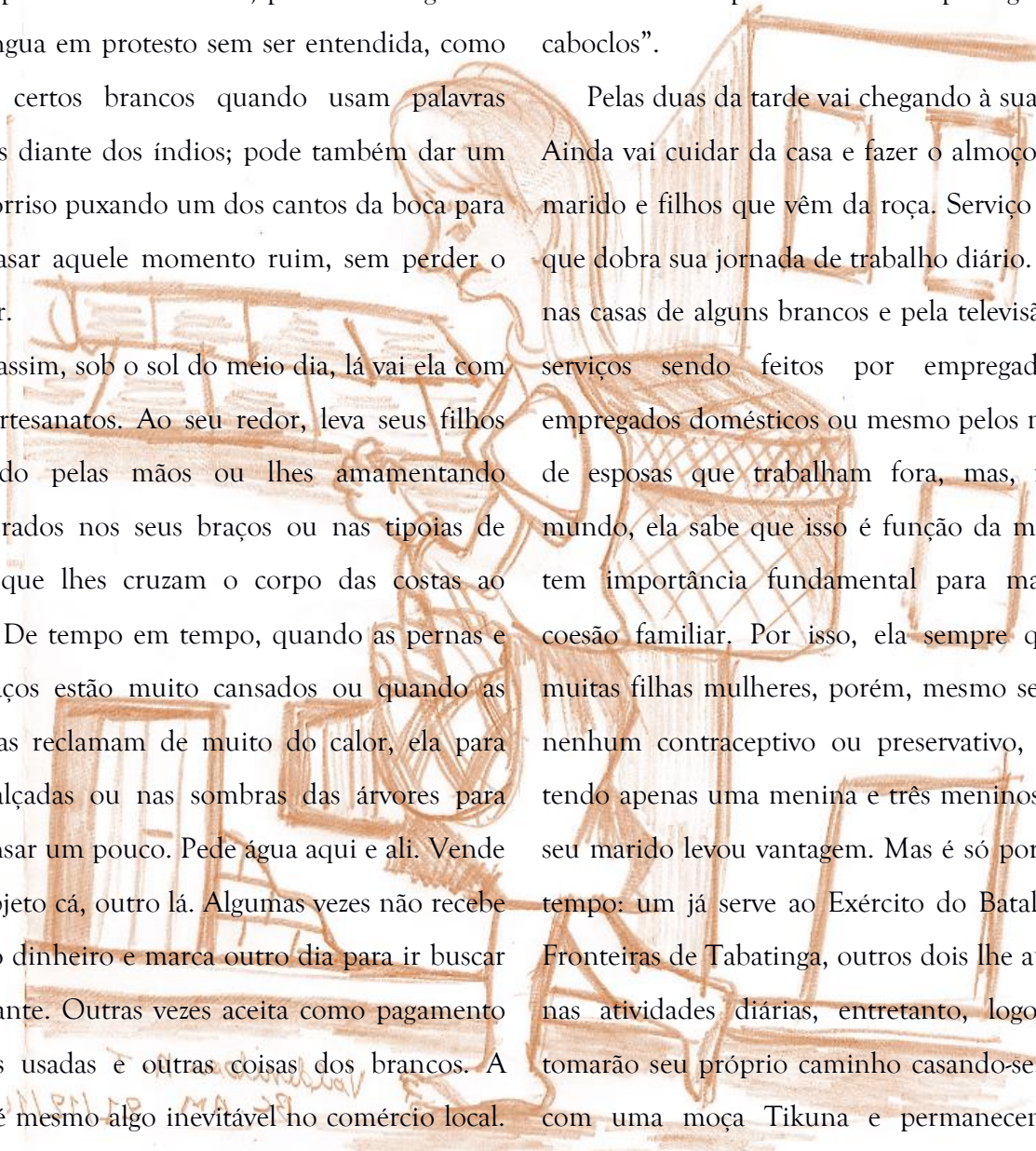
preconceitos que a sociedade não consegue vencer. Mas, quando é maltratada ou mesmo quando não consegue vender seus pertences como pretendia os brancos, pode resmungar em sua língua em protesto sem ser entendida, como fazem certos brancos quando usam palavras difíceis diante dos índios; pode também dar um leve sorriso puxando um dos cantos da boca para extravasar aquele momento ruim, sem perder o humor.

E assim, sob o sol do meio dia, lá vai ela com seus artesanatos. Ao seu redor, leva seus filhos puxando pelas mãos ou lhes amamentando pendurados nos seus braços ou nas tipoias de pano que lhes cruzam o corpo das costas ao peito. De tempo em tempo, quando as pernas e os braços estão muito cansados ou quando as crianças reclamam de muito do calor, ela para nas calçadas ou nas sombras das árvores para descansar um pouco. Pede água aqui e ali. Vende um objeto cá, outro lá. Algumas vezes não recebe todo o dinheiro e marca outro dia para ir buscar o restante. Outras vezes aceita como pagamento roupas usadas e outras coisas dos brancos. A troca é mesmo algo inevitável no comércio local. Por vezes, ela é acompanhada de outras mulheres Tikuna ou Kokama que com suas bacias de alumínio na cabeça foram vender suas frutas: mapati, abacaxi, banana, abiu, pupunha, cupuaçu e também farinha de mandioca, pimenta e tucupi. Quem a olha de longe pode confundir-la com a maioria das mulheres locais, mas quem a vê conversando logo a reconhece

pela fala da língua Tikuna ou pelo sotaque do português meio cantado, sem o artigo feminino “a”, sem os “erres” finais, entre outras diferenças existentes na pronúncia do “português dos caboclos”.

Pelas duas da tarde vai chegando à sua aldeia. Ainda vai cuidar da casa e fazer o almoço para o marido e filhos que vêm da roça. Serviço pesado que dobra sua jornada de trabalho diário. Ela viu nas casas de alguns brancos e pela televisão esses serviços sendo feitos por empregadas ou empregados domésticos ou mesmo pelos maridos de esposas que trabalham fora, mas, no seu mundo, ela sabe que isso é função da mulher e tem importância fundamental para manter a coesão familiar. Por isso, ela sempre quis ter muitas filhas mulheres, porém, mesmo sem usar nenhum contraceptivo ou preservativo, acabou tendo apenas uma menina e três meninos. Nisto seu marido levou vantagem. Mas é só por pouco tempo: um já serve ao Exército do Batalhão de Fronteiras de Tabatinga, outros dois lhe auxiliam nas atividades diárias, entretanto, logo todos tomarão seu próprio caminho casando-se, quiçá, com uma moça Tikuna e permanecendo na aldeia, mas isso não uma certeza nos dias atuais.

Logo depois do almoço, ela e sua filha descem as ribanceiras com as bacias de louças na cabeça para lavar no igarapé. É importante fazer isso antes da hora do banho e dos carapanãs transmissores da malária. Com as louças lavadas elas sobem o barranco, levando duas vasilhas com água para fazer o jantar e outros serviços

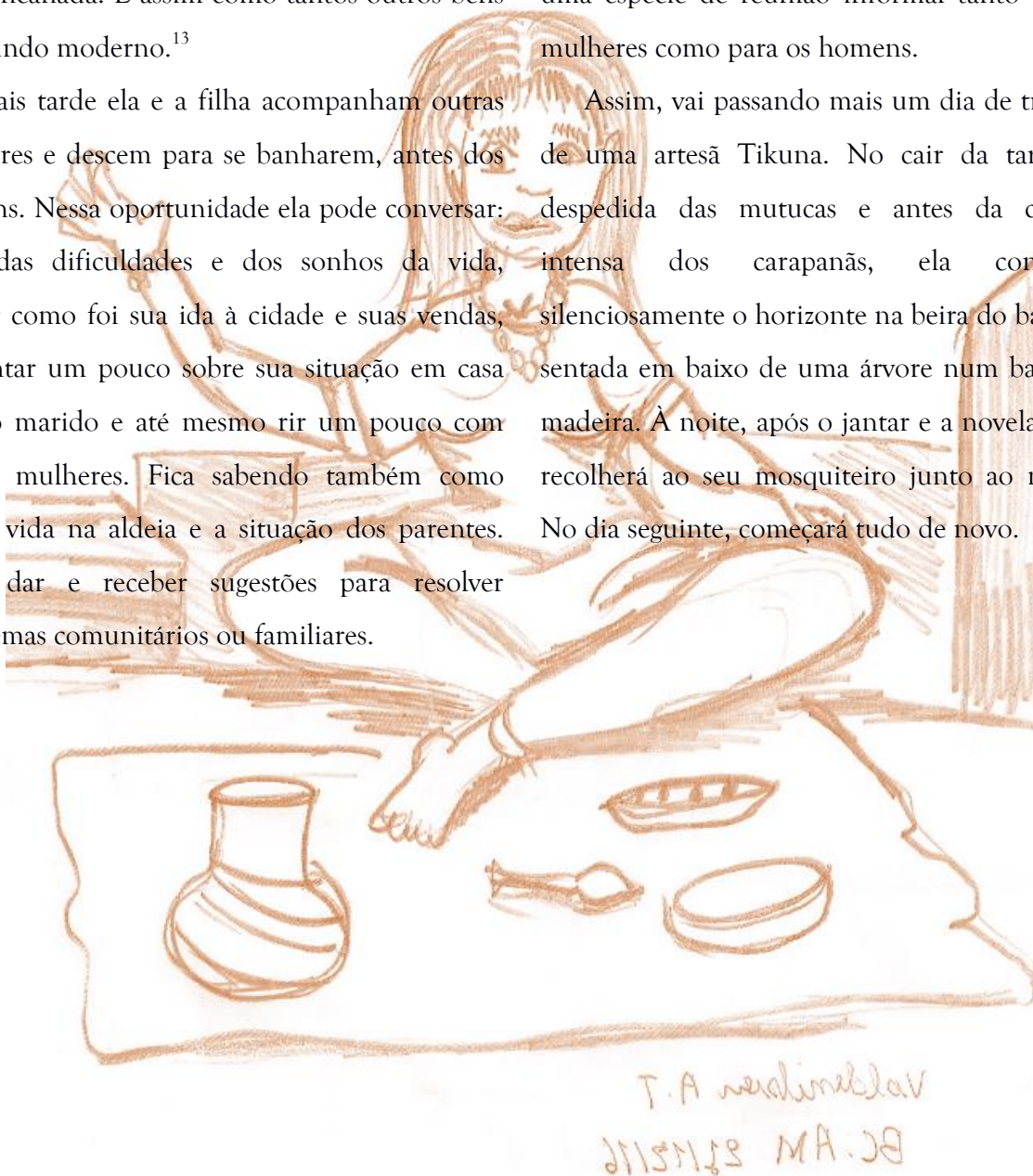


durante a noite. Mesmo próximo da cidade a aldeia recebe apenas poucos fios de luz, mas não água encanada. É assim como tantos outros bens do mundo moderno.¹³

Mais tarde ela e a filha acompanham outras mulheres e descem para se banharem, antes dos homens. Nessa oportunidade ela pode conversar: falar das dificuldades e dos sonhos da vida, contar como foi sua ida à cidade e suas vendas, comentar um pouco sobre sua situação em casa com o marido e até mesmo rir um pouco com outras mulheres. Fica sabendo também como está a vida na aldeia e a situação dos parentes. Pode dar e receber sugestões para resolver problemas comunitários ou familiares.

O banho não é apenas um rito de higiene pessoal, mas acaba funcionando também como uma espécie de reunião informal tanto para as mulheres como para os homens.

Assim, vai passando mais um dia de trabalho de uma artesã Tikuna. No cair da tarde, na despedida das mutucas e antes da chegada intensa dos carapanãs, ela contempla silenciosamente o horizonte na beira do barranco sentada em baixo de uma árvore num banco de madeira. À noite, após o jantar e a novela, ela se recolherá ao seu mosquitoireiro junto ao marido. No dia seguinte, começará tudo de novo.



¹³ Atualmente, já existe água encanada nas aldeias da Área Indígena Santo Antônio, embora ainda com distribuição precária. Contudo, o costume de lavar as louças e tomar banho no rio ainda pode ser verificado, seja pela força da tradição, seja pela falta de água em algumas casas ou em certos horários ou períodos do ano.